

UM TESOURO PERDIDO

Nahima Maciel
Da equipe do *Correio*

AS "BANDEIRINHAS" QUE MARCARAM TODA A OBRA DE ALFREDO VOLPI NÃO FICARAM RESTRITAS ÀS TELAS DO PINTOR, HOJE MUNDIALMENTE CONHECIDAS. CONSIDERADO TAMBÉM UM MURALISTA DE GRANDE VOCAÇÃO, REGISTROU EM AFRESCOS DE IGREJAS E CAPELAS AS MESMAS FORMAS QUE USAVA NOS QUADROS. FORAM APENAS TRÊS TRABALHOS DO GÊNERO, NOS QUAIS O ARTISTA RECUPERA CENAS SACRAS COM A INGENUIDADE CARACTERÍSTICA DE SEU TRABALHO. RARIDADES ESQUECIDAS E QUASE DESAPARECIDAS.

Dos três afrescos, dois se encontram em Brasília e um praticamente deixou de existir. Na capela do Palácio do Itamaraty, localizada no recanto do saguão de mármore do prédio, Volpi deixou a imagem de Dom João Bosco em intenso fundo com as tradicionais bandeirinhas, hoje em perfeito estado de conservação. O outro trabalho está numa capela em São Paulo.

Quando projetou a Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, da 308 Sul, Oscar Niemeyer convidou o amigo das bandeiras para pintar as três paredes da obra com desenhos perfeitamente correspondentes à estrutura e proposta modernista do prédio. A igrejinha do chapéu de freira, referência do modernismo arquitetônico brasileiro em todos os livros e cursos do mundo, e a arte de Alfredo Volpi eram primas-irmãs.

Preparado às pressas, antes mesmo que os azulejos de Athos Bulcão fossem instalados, o afresco foi pintado em condições técnicas pouco favoráveis. Areia e tinta não eram adequadas, mas a capela tinha data de inauguração marcada. Na época, final dos anos 50, o crítico Mário Pedrosa identificou em Volpi a primeira expressão artística brasileira capaz de sustentar o título de "afresquista". Em artigo publicado na revista *Módulo*, avisa: "Volpi nos dá uma legítima obra (...) que vem (...) reviver a gloriosa e arcaica técnica artesanal".

Mas a autenticidade do artista italiano radicado no Brasil só pôde ser comprovada pelos fiéis e curiosos que freqüentaram a paróquia nos quatro anos seguintes à inauguração. Hoje o que sobrou dos afrescos nas paredes do altar e laterais está escondido sob mais de dez mãos de tinta. "Existe um processo de transformação de espaços políticos em Brasília e a igrejinha é um exemplo disso. É uma transformação natural mas está se perdendo a idéia de originalidade da igreja", explica o artista plástico e diretor do Museu de Arte de Brasília, Ralph Gehre.

Ele lembra que o espaço litúrgico acabou sendo adaptado de acordo com sua funcionalidade pela congregação à qual a igreja ficou submetida. Não se sabe exatamente como ocorreu a retirada dos painéis. Na época a Igreja Nossa Senhora de Fátima ainda não integrava o patrimônio histórico e seu tombamento — só efetuado em 1982 — ainda estava por vir. O controle sobre a manutenção da obra praticamente não existiu.

QUERMESSE E BANDEIRINHAS
As cenas que lembravam uma quermesse, com fundo azul e as bandeirinhas vermelhas, brancas e amarelas dependuradas como em uma festa junina, pareciam desagradar parte da comunidade local, incluindo os eclesiásticos responsáveis pelo espaço. "Era uma pintura muito futurista, não dava nem para distinguir direito as imagens", lembra o frei Amadeo Antonio Semin, pároco da Igrejinha em 1961. "Muita gente criticou e, quando eu cheguei, já estavam pintando por cima dos

Zuleika de Souza



Alterações no projeto da Igrejinha do Chapéu de Freira destruíram o afresco criado por Volpi: "A recuperação é impossível", diz o arquiteto Nauro Esteves

MEMÓRIA

IGREJINHA CONSTRUÍDA EM CEM DIAS

A Igreja Nossa Senhora de Fátima nasceu de uma promessa de dona Sarah Kubitschek, então primeira-dama. Ela providenciaria a construção da capela em troca da cura de uma doença da filha Márcia. A Virgem de Fátima era padroeira da família e acabou dando

nome à igreja, popularmente conhecida como Igrejinha da 308. Em 26 de outubro de 1957 Juscelino Kubitschek lançou a pedra fundamental do monumento que seria inaugurado oito meses depois, em 12 de junho de 1958. Projeto por Oscar Niemeyer, o prédio que lembra um chapéu de freira trazia originalmente os afrescos de Alfredo Volpi, os azulejos de Athos Bulcão e o projeto paisagístico de Burle Marx. O prédio foi levantado em apenas cem dias.

Marco importante na história da cidade, a Igreja Nossa Senhora de Fátima recebeu até a bênção apostólica do então Papa Pio XII, que

mandou dizer que o local seria "um centro irradiador de intensa fé cristã". Dom Carlos Carmelo celebrou a primeira missa, exatamente um ano depois de realizar a missa de inauguração de Brasília.

Desde então a Igrejinha passou por inúmeras mudanças e sofreu uma reforma em 1992. A entrada recebeu portas — inexistentes no projeto original — por questões de segurança. Os painéis de Volpi desapareceram. As cores das paredes internas mudaram várias vezes e a decoração com imagens de santos, não prevista por Niemeyer, ficou a cargo dos párocos que conduzem as atividades litúrgicas.

Portinari. Athos recorda-se de algumas propostas de recuperação dos desenhos, que precisariam ser refeitos. Mas não acompanhou o processo e acabou por perder de vista os afrescos.

O arquiteto Nauro Esteves, que trabalhou em diversos projetos de prédios brasilienses com Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, explica que os painéis de Volpi estão completamente perdidos. "Nao havia controle naquela época, foi tanta confusão que fizeram que acho que a recuperação é impossível", sentencia, acusando as inúmeras mãos de tinta e uma suposta raspagem da pintura original de inviabilizarem a recuperação.

SEM REGISTROS

No Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Depha), a ligação entre Volpi e a Igrejinha é quase inexistente. Os registros contém apenas informações referentes às datas posteriores ao tombamento, quando os afrescos já eram lenda. São citados em dois ou três documentos. "Temos apenas notícias de jornais mas não há referências textuais no inventário das artes plásticas do DF feito em 1980", diz o diretor do Depha, Antonio Menezes.

Segundo ele não há possibilidade de conduzir um projeto de recuperação das imagens. A degradação foi tão violenta que a única solução seria refazer os painéis, o que implica na intervenção direta na obra de Volpi. "Não fazemos réplica. Se fizermos isso na Igrejinha as pessoas vão pensar que quem fez foi o Volpi, não podemos intervir em um bem cultural", justifica Antonio.

Em documento escrito a mão e guardado como relíquia nos arquivos da Igrejinha, o historiador do Instituto Histórico e Geográfico do DF Lourenço Tamanini contou a saga para a construção do monumento antes dele ser tombado como patrimônio da cidade. Tamanini fala de como ficou decidida a estrutura e local que o prédio ocuparia, mas não faz nenhuma citação quanto a Volpi ou Athos Bulcão, responsáveis pela decoração do interior da capela. Apenas lembra que há material fotográfico e textual suficiente para recuperar toda a história da construção da Igreja. Nesse material, no entanto, os painéis de Volpi continuam esquecidos. Algumas poucas fotos no arquivo do Depha revelam os desenhos originais, antes da primeira pintura que transformou as paredes em blocos azuis.

Para o arquiteto Nando Cosac, proprietário do exemplar da revista *Módulo* que contém um dos poucos registros das imagens dos afrescos de Volpi, a negligência na preservação do local acabou por destruir parte de um conjunto artístico. "Na verdade não há mesmo como recuperar, teríamos que refazer", lamenta o arquiteto goiano, que chegou em Brasília em 1965 e se lembra das histórias em torno das pinturas de Volpi.

GENEALOGIA DE UM DESCASO

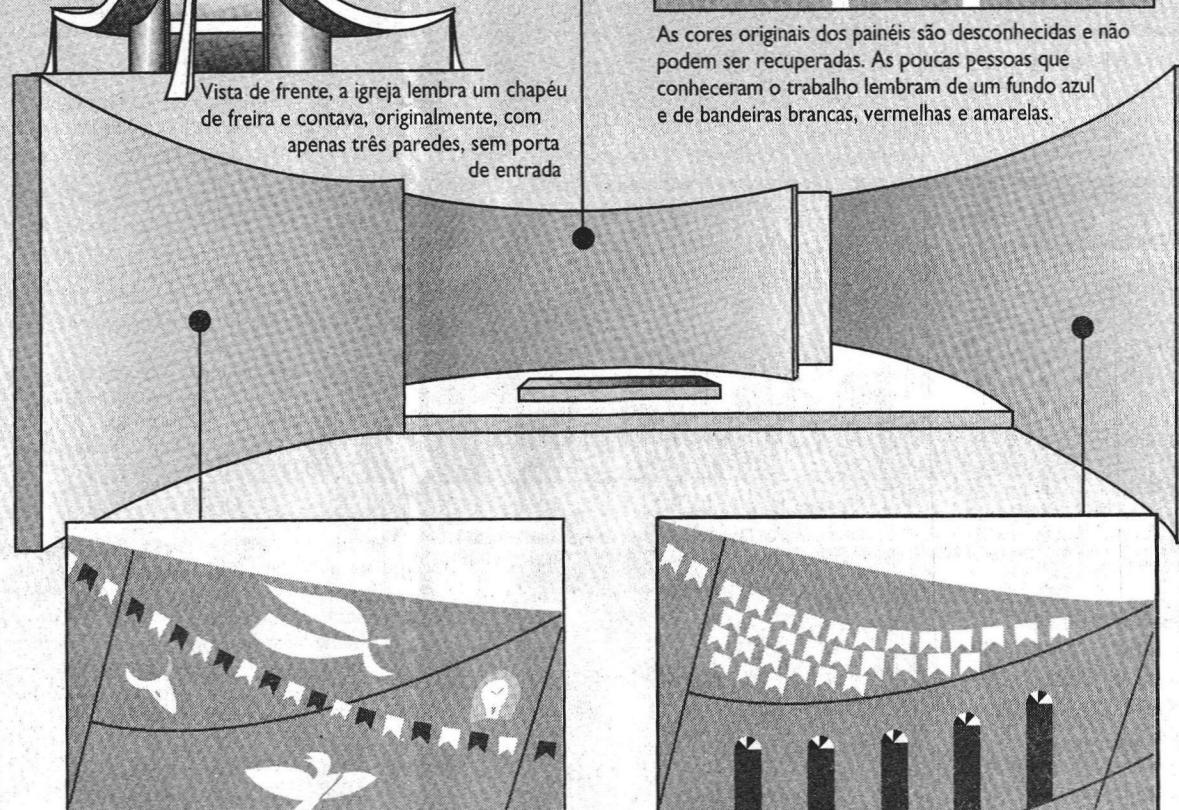
Construída em apenas cem dias e inaugurada em 12 de junho de 1958, a Igreja Nossa Senhora de Fátima das Pioneiras Sociais (308 Sul), conhecida como Igrejinha, é um monumento de referência da arquitetura moderna brasileira no mundo inteiro.

Assinado por Oscar Niemeyer, o prédio original trazia os azulejos de Athos Bulcão, projeto paisagístico de Burle Marx e os painéis, hoje desaparecidos, de Alfredo Volpi.

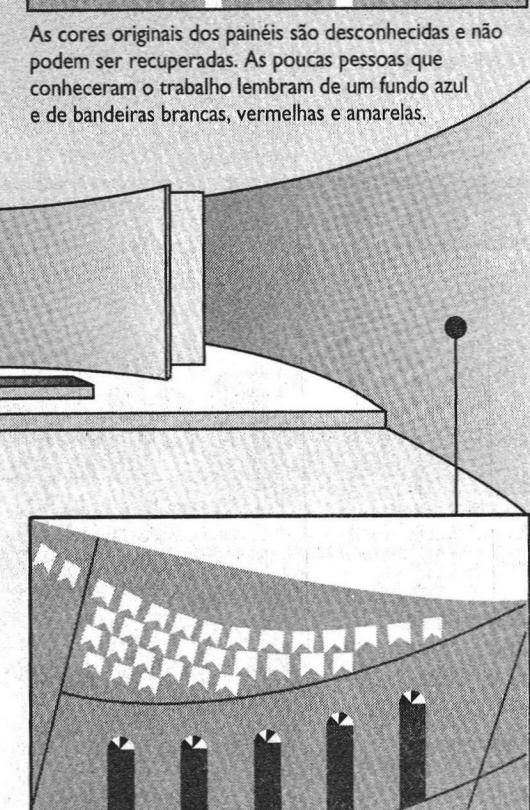
Vista de frente, a igreja lembra um chapéu de freira e contava, originalmente, com apenas três paredes, sem porta de entrada.



As cores originais dos painéis são desconhecidas e não podem ser recuperadas. As poucas pessoas que conhecem o trabalho lembram de um fundo azul e de bandeiras brancas, vermelhas e amarelas.



Os desenhos feitos por Volpi na Igrejinha são característicos de toda sua obra. As bandeiras aparecem em quase todos os quadros do pintor



A má qualidade do material utilizado na confecção dos painéis e a falta de cuidado na preservação acabaram por dar fim à obra original.

Arte: Anaro Jr.

desenhos", revela. A julgar pela data de inauguração — 12 de junho de 1958 — a Igreja Nossa Senhora de Fátima conservou os painéis de Volpi por apenas exatos quatro anos. Mas uma matéria da *Folha de S. Paulo* de 16 de março de 1993, Sarah Kubitschek, mulher de Juscelino, afirma que os desenhos deixaram de existir em 1964: "Enquanto

estive no exílio, entre 64 e 68, um dos padres mandou apagar porque achou 'esquisito' aquele monte de bandeirinhas".

PROBLEMA TÉCNICO

Athos Bulcão, no entanto, diz que a intenção de cobrir os painéis simplesmente porque a imagem não agrada ao público nunca existiu.

O problema, segundo o artista, foi exclusivamente técnico. "Aqueles afrescos foram feitos muito apressadamente. A cal usada na parede ficou pouco tempo no processo de tratamento e isso atacou o fundo do desenho, deixando manchas enormes", avisa o artista, que reconhece em Volpi o segundo afresquista brasileiro depois de Cândido